**Engenharia sem perspectiva: a falta de investimento e a crise de oportunidades**

Anna Luiza Polydoro M. F. Manão, RA 12.122.073-5, CSJ060-T016.

Julia da Silva Souza, RA 12.122.064-4, CSJ060-T016.

Acreditamos que todos nós engenheiros e futuros engenheiros crescemos ouvindo sobre a prosperidade da nossa profissão. Nos foi vendida uma ideia de um futuro quase certo de que, após a certificação, nossa carreira estaria consolidada. Entretanto, a cada dia que passa, a realidade contraria esse pressuposto. Todos os dias nos deparamos com engenheiros que já não têm seu sustento garantido apenas pelo certificado, tendo que diversificar o seu currículo, ou até mesmo, mudar de área e atuar como trabalhadores informais. Mas você já se perguntou o porquê disso? Seria um resultado apenas da evolução do meio industrial, dessa forma, tornando a formação insuficiente?

 No século XIX, Karl Marx desenvolvia a teoria chamada de “Exército Industrial de Reserva”, esta diz que é intrínseca a necessidade do desemprego, assim possibilitando a diminuição de salários e uma fácil substituição de trabalhadores que estejam exigindo melhores condições de trabalho, já que sempre haverá alguém para substituí-lo. Podemos argumentar também que essa teoria é facilmente aplicável ao chão de fábrica de qualquer empresa, mas seria possível aplicá-la ao nível superior?

 No Brasil de 2021, existiam 42.400 engenheiros desempregados, vale ressaltar também que esse número não engloba os companheiros de profissão que abriram mão de tentar encontrar um emprego estável e se tornaram trabalhadores informais - em sua maioria motoristas e entregadores de aplicativo. Além disso, apenas 42% dos formados em engenharia trabalham no setor.

Desta forma, podemos dizer que, com a evolução do processo industrial, houve a necessidade da expansão do “Exército Industrial de Reserva” para o ensino superior. Assim, cria-se dentro da profissão a necessidade se de ter, cada vez mais, complementos na nossa formação. Dessa forma, o profissional com o maior número de formações, certificações e diplomas a parte terá melhores chances de exercer a função para a qual estudou. Retira-se, então, a responsabilidade dos detentores das indústrias de criarem novos empregos e a coloca em cima do trabalhador, que deve, cada vez mais, gastar seus anos de vida se aperfeiçoando e lutando para conseguir a sua estabilidade.

Mas isso seria válido apenas se levássemos a teoria de Marx a este cenário específico. Acreditamos que cabe a nós avaliarmos se esse cenário de fato se aplica e se a reflexão é pertinente. E você, o que acha?

**Referências Bibliográficas**

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013. 976 p.

VDI BRASIL. Mercado de trabalho de engenharia cresce significativamente após coronavírus. VDI Brasil, [s.d.]. Disponível em: https://www.vdibrasil.com/mercado-de-trabalho-de-engenharia-cresce-significativamente-apos-coronavirus/. Acesso em: 23 abr. 2023.

EXAME. CNI: 6 de cada 10 engenheiros não trabalham na área. Exame, 29 out. 2018. Disponível em: https://exame.com/carreira/cni-6-de-cada-10-engenheiros-nao-trabalham-na-area/. Acesso em: 23 abr. 2023.